



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Engenharia Mecânica

JAIR LEOPOLDO LOAIZA BERNAL

Study of the operation of an internal combustion engine, fueled by indirect injection of ethanol and direct injection of water into the combustion chamber.

Estudo do funcionamento de um motor de combustão interna, alimentado por injeção indireta de etanol e injeção direta de água na câmara de combustão.

CAMPINAS

2019

JAIR LEOPOLDO LOAIZA BERNAL

Study of the operation of an internal combustion engine, fueled by indirect injection of ethanol and direct injection of water into the combustion chamber.

Estudo do funcionamento de um motor de combustão interna, alimentado por injeção indireta de etanol e injeção direta de água na câmara de combustão.

Thesis presented to the School of Mechanical Engineering of the University of Campinas in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor in Mechanical Engineering, in the area of Solid Mechanics and Mechanical Design.

Tese apresentada à Faculdade de Engenharia Mecânica da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Engenharia Mecânica, na Área de Mecânica dos Sólidos e Projeto Mecânico.

Orientador: Prof. Dr. Janito Vaqueiro Ferreira

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO JAIR LEOPOLDO LOAIZA BERNAL, E ORIENTADA PELO PROF. DR. JANITO VAQUEIRO FERREIRA.

ASSINATURA DO ORIENTADOR

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Área de Engenharia e Arquitetura
Luciana Pietrosanto Milla - CRB 8/8129

L78s Loaiza Bernal, Jair Leopoldo, 1973-
Study of the operation of an internal combustion engine, fueled by indirect injection of ethanol and direct injection of water into the combustion chamber / Jair Leopoldo Loaiza Bernal. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Janito Vaqueiro Ferreira.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Mecânica.

1. Modelo estatístico-termodinâmico. 2. Modelagem termodinâmica. 3. Termodinâmica - Modelos matemáticos. 4. Evaporação. 5. Modelagem e simulação. I. Ferreira, Janito Vaqueiro, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Engenharia Mecânica. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Estudo do funcionamento de um motor de combustão interna, alimentado por injeção indireta de etanol e injeção direta de água na câmara de combustão

Palavras-chave em inglês:

Statistical-thermodynamic model
Thermodynamic modeling
Thermodynamics - Mathematical models
Evaporation
Modeling and simulation

Área de concentração: Mecânica dos Sólidos e Projeto Mecânico

Titulação: Doutor em Engenharia Mecânica

Banca examinadora:

Janito Vaqueiro Ferreira [Orientador]
Jose Eduardo Mautone Barros
Pedro Teixeira Lacava
Waldyr Luiz Ribeiro Gallo
Rogério Gonçalves dos Santos

Data de defesa: 16-04-2019

Programa de Pós-Graduação: Engenharia Mecânica

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-5417-5637>
- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1495692940617748>

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA MECÂNICA
COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA MECÂNICA
DEPARTAMENTO DE MECÂNICA COMPUTACIONAL**

TESE DE DOUTORADO ACADEMICO

Study of the operation of an internal combustion engine, fueled by indirect injection of ethanol and direct injection of water into the combustion chamber.

Estudo do funcionamento de um motor de combustão interna, alimentado por injeção indireta de etanol e injeção direta de água na câmara de combustão.

Autor: Jair Leopoldo Loaiza Bernal

Orientador: Prof. Dr. Janito Vaqueiro Ferreira

A Banca Examinadora composta pelos membros abaixo aprovou esta Dissertação/Tese:

Prof. Dr. Janito Vaqueiro Ferreira, Presidente

Instituição: Unicamp - FEM

Prof. Dr. Jose Eduardo Mautone Barros

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Pedro Teixeira Lacava

Instituição: Instituto Tecnológico de Aeronáutica - ITA

Prof. Dr. Waldyr Luiz Ribeiro Gallo

Instituição: Unicamp - FEM

Prof. Dr. Rogério Gonçalves dos Santos

Instituição: Unicamp - FEM

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Campinas, Abril 16 de 2019.

When one's expectations are reduced to zero, one really appreciates everything one does have. (Stephen Hawking, 1942-2018)

ACKNOWLEDGEMENTS

The author wishes to express his gratitude to the people and institutions that collaborated in different ways during the development of this research.

To the State University of Campinas (Unicamp) and its faculty of Mechanical Engineering (FEM) for giving me the opportunity to study in this institution. One of the best universities in the world.

To the professor Ph.D. Janito Vaqueiro Ferreira, for his guidance, support and collaboration in the development and advancement of this research.

To the professor Ph.D. Waldyr Luiz Ribeiro Gallo, for his guidance and timely collaboration for him to advance this investigation.

To the members of the research group, Laboratory of Biofuels Motors (LMB), the engineers Alessandro De Lima, Caio Rufino, Renato dos Santos and Ana Paula Mattos, for their friendship, patience, support, and guidance all the time.

To Mrs. Elizabeth de Oliveira Viana, secretary of the Department of Computational Mechanics, for her invaluable friendship and support.

To the engineer Rubén Darío Hernández, for his unconditional friendship.

To my friends and colleagues, Giovanna Zanoni, Carolina Corredor, Camilo Ariza, Maria Fernanda Rodriguez, German Castañeda, Diana Martinez, Oscar Rojas, Paola Gonzales, Jose Ilmar, in short, the list is endless.

Finally, I would like to thank FAPESP, for the opportunity to work on the granting of research grants and a scholarship, through project number 2015/20801-3.

“With a little help from my friends”

“An expert is a person who has found out by his own painful experience all the mistakes that one can make in a very narrow field”.

(Niels Bohr 1885-1962)

RESUMO

Na busca contínua pelo aumento da eficiência e redução do impacto ambiental, devido ao uso de motores de combustão interna (ICE), a injeção de água tem sido uma das estratégias mais utilizadas para atingir esses objetivos. Várias foram e ainda são as metodologias que utilizam a água como método de controle de temperatura e redução de emissões. Antes do uso de turbinas de jato e durante o uso de motores de pistão na aviação militar e comercial, a injeção de água e soluções de água e álcool foi implementada como uma estratégia para controlar a temperatura interna do cilindro durante a combustão. Isso permitiu o aumento das taxas de compressão com o consequente aumento de potência, principalmente em operações críticas como decolagens e manobras evasivas durante o combate. As consequências da aplicação desta técnica têm sido extensivamente investigadas em motores que utilizam combustíveis derivados do petróleo (gasolina e diesel). No entanto, em dispositivos que utilizam combustíveis alternativos, como o etanol ou outros biocombustíveis, existem poucas referências à pesquisa que utiliza técnicas de injeção de água nesses motores. A pesquisa aqui apresentada mostra os resultados da implementação utilizando simulação computacional de um modelo termodinâmico de duas zonas que integra a injeção de água líquida diretamente na câmara de combustão, em um motor que utiliza etanol como combustível. O modelo proposto interpreta a partir da termodinâmica o comportamento da água no interior do cilindro quando é injetado na forma líquida durante qualquer momento do ciclo. Até agora, esse tipo de análise foi realizado por meio de testes experimentais. Aqui a influência da água do ponto de vista teórico é estudada usando simulação. O modelo é validado comparando seus resultados com os da pesquisa experimental que implementa a mesma técnica de injeção de água proposta. A pesquisa mencionada usa um protótipo de motor que usa gasolina como combustível. Ao comparar alguns dos parâmetros operacionais, como a pressão no interior do cilindro, o consumo específico de combustível efetivo ou a taxa de liberação de calor durante a combustão, verifica-se que o modelo se comporta muito próximo do que foi relatado nos dados experimentais. Outras variáveis, como as emissões de NOx, apresentam tendências semelhantes entre o comportamento experimental e o simulado, apesar da grande variabilidade dos dados experimentais. Por fim, o modelo apresenta grande flexibilidade, pois pode ser utilizado para simular diferentes geometrias de motores, regimes de rotação e uso de combustíveis como gasolina, etanol, etanol hidratado e misturas destes em diferentes proporções.

Palavras-chave: Modelo termodinâmico, duas zonas, evaporação de gotículas de água, modelo de simulação, injeção de água, pressão, fração de massa queimada.

ABSTRACT

In the continuous search for the increase in efficiency and the reduction of environmental impact, due to the use of internal combustion engines (ICE), water injection has been one of the strategies frequently used to achieve these objectives. Several have been and still are the methodologies that use water as a method of temperature control and emission reduction. Before the use of jet turbines and during the use of piston engines in military and commercial aviation, the injection of water and water and alcohol solutions was implemented as a strategy to control the internal temperature of the cylinder during combustion. This allowed the increase of compression ratios with the consequent increase in power, especially in critical operations such as takeoff and evasive maneuvers during the fighting. The consequences of the application of this technique have been extensively investigated in engines that use fuels derived from petroleum (Gasoline and Diesel). However, in devices that use alternative fuels such as ethanol or other bio-fuels, there are few references to research that uses water injection techniques in these engines. The research presented here shows the results of the implementation using computational simulation of a thermodynamic model of two zones that integrates the injection of liquid water directly into the combustion chamber, in an engine that uses ethanol as fuel. The proposed model interprets from thermodynamics the behavior of the water inside the cylinder when it is injected in liquid form during any moment of the cycle. So far, this type of analysis has been carried out through experimental tests. Here the influence of water from the theoretical point of view is studied using simulation. The model is validated by comparing its results with those of experimental research that implements the same water injection technique that is proposed. The research mentioned uses a prototype engine that uses gasoline as fuel. When comparing some of the operating parameters, such as the pressure inside the cylinder, the specific fuel consumption at brake or the rate of heat release during combustion, it is found that the model behaves very closely to what was reported in the experimental data. Other variables such as NO_x emissions present similar trends between experimental and simulated behavior, despite the great variability of the experimental data. Finally, the model presents great flexibility because it can be used to simulate different engine geometries, rotation regimes and the use of fuels such as gasoline, ethanol, hydrated ethanol and mixtures of these in different proportions.

Keywords: Model thermodynamics, two zones, simulation model, water droplet evaporation, water injection, pressure, mass fraction burned.

LIST OF FIGURES

Figure 2.1 – Scheme of the interior of a cylinder of an internal combustion engine and ignited by spark, during the cycle of power. The two zones (burned gases (Red) and unburned (Blue)) are clearly visible. Source:(LIU <i>et al.</i> , 2015)	32
Figure 2.2 – Pressure versus crank angle for different compression ratios. Source:(CRÓ <i>et al.</i> , 2013)	39
Figure 2.3 – Temperature versus crank angle for different compression ratios. Source:(CRÓ <i>et al.</i> , 2013)	39
Figure 2.4 – Spherical coordinate system for the analysis of drop evaporation. Source:(TURNS, 1996).	57
Figure 2.5 – Relationship between the time and the diameter of the drop squared during the evaporation process. The slope of the line is $-K$. Source: (TURNS, 1996).	59
Figure 3.1 – Simplified model of the phenomenology of the evaporation of a drop of water . . .	67
Figure 3.2 – Diagram of the open phase	71
Figure 3.3 – Evaporative coolers. Source:(HOLDER, 2012)	77
Figure 4.1 – Droplet size probability distribution function.	86
Figure 4.2 – Evaporation time vs. Droplet diameter. (P_i = Injection pressure, T_i = Injection temperature, $T_m = T_b$ = Temperature of the burned gases)	86
Figure 4.3 – Schematic diagram of the water and fuel injection systems used in the simulations.	87
Figure 4.4 – Comparison of pressure curve for -8.3° of advance, without water.	88
Figure 4.5 – Comparison of the mass fraction burned to -8.3° of advance, without water.	89
Figure 4.6 – Comparison of pressure curve for -8.3° of advance, 28% Water/Fuel.	90
Figure 4.7 – Comparison of the mass fraction burned to -8.3° of advance, 28% Water/Fuel.	90
Figure 4.8 – Comparison of pressure curve for -14.2° of advance, 28% Water/Fuel.	91
Figure 4.9 – Comparison of the mass fraction burned to -14.2° of advance, 28% Water/Fuel.	91
Figure 4.10–Comparison of the behavior of the pressure, for the three cases subject to analysis. Simulation.	93
Figure 4.11–Comparison of the behavior of the temperature in the burned gases zone, for the three cases subject to analysis. Simulation.	93
Figure 4.12–Comparison of the behavior of the temperature in the unburned gases zone, for the three cases subject to analysis. Simulation.	94
Figure 4.13–Comparison of pressure curve for -29.3° of advance, 100% Water/Fuel.	95
Figure 4.14–Comparison of the mass fraction burned to -29.3° of advance, 100% Water/Fuel.	95
Figure 4.15–Comparison of NOx Emissions. 1500 RPM.	97
Figure 4.16–Duty Cycle.	100
Figure 4.17–Comparison of Pressure in Cylinder 1000 RPM.	101
Figure 4.18–Comparison of Pressure in Cylinder 2000 RPM.	102

Figure 4.19–Comparison of Pressure in Cylinder 3000 RPM.	103
Figure 4.20–Comparison of Pressure in Cylinder 4000 RPM.	104
Figure 4.21–Comparison of Pressure in Cylinder 5000 RPM.	105
Figure 4.22–Characteristic curve of Pressure.	109
Figure 4.23–Temperature-Two Zones.	109
Figure 4.24–Mass-In Cylinder Normal.	110
Figure 4.25–Comparison of Pressure in Cylinder 1000 RPM.	110
Figure 4.26–Mass-In Cylinder 180° water injection 1000 RPM.	111
Figure 4.27–Temperature 180° water injection Burned zone 1000 RPM. Detail (2).	112
Figure 4.28–Temperature 180° water injection Burned zone 1000 RPM. Detail (3).	112
Figure 4.29–Temperature 180° water injection Unburned zone 1000 RPM. Detail (1).	113
Figure 4.30–Temperature 180° water injection Unburned zone 1000 RPM. Detail (4).	113
Figure 4.31–Pressure 240° 1000 RPM.	114
Figure 4.32–Pressure 330° 1000 RPM.	115
Figure 4.33–Pressure 370° 1000 RPM.	115
Figure 4.34–Temperature 240° 1000 RPM. Detail (1).	116
Figure 4.35–Temperature 240° 1000 RPM. Detail (2).	117
Figure 4.36–Temperature 330° 1000 RPM. Detail (2).	117
Figure 4.37–Mass In-Cylinder 240° 1000 RPM.	118
Figure 4.38–Mass In-Cylinder 240° 1000 RPM. Detail (1).	118
Figure 4.39–Mass In-Cylinder 240° 1000 RPM. Detail (2).	119
Figure 4.40–Temperature 370° 1000 RPM. Detail (2).	119
Figure 4.41–Comparison of Pressure in Cylinder 2000 RPM.	120
Figure 4.42–Temperature 240° water injection Unburned Zone 2000 RPM. Detail (1).	121
Figure 4.43–Temperature 240° water injection Burned Zone 2000 RPM. Detail (2).	121
Figure 4.44–Mass In-Cylinder 240° water injection 2000 RPM.	122
Figure 4.45–Mass In-Cylinder 240° water injection 2000 RPM. Detail (1)	122
Figure 4.46–Mass In-Cylinder 240° water injection 2000 RPM. Detail (2)	123
Figure 4.47–Pressure 330° 2000 RPM.	124
Figure 4.48–Pressure 370° 2000 RPM.	124
Figure 4.49–Temperature 330° Burned zone 2000 RPM. Detail (2).	125
Figure 4.50–Temperature 370° Burned zone 2000 RPM. Detail (2).	125
Figure 4.51–Pressure 180° 2000 RPM.	126
Figure 4.52–Pressure 180° 3000 RPM.	126
Figure 4.53–Pressure 180° 4000 RPM.	127
Figure 4.54–Pressure 180° 5000 RPM	127
Figure 4.55–Pressure 240° 3000 RPM.	128
Figure 4.56–Pressure 240° 4000 RPM.	128
Figure 4.57–Pressure 240° 5000 RPM.	129

Figure 4.58–Temperature 180° Burned zone 2000 RPM. Detail (2).	129
Figure 4.59–Temperature 180° Burned zone 3000 RPM. Detail (2).	130
Figure 4.60–Temperature 180° Burned zone 4000 RPM. Detail (2).	130
Figure 4.61–Temperature 180° Burned zone 5000 RPM. Detail (2).	131
Figure 4.62–Temperature 240° 1000 RPM. Detail (2).	131
Figure 4.63–Temperature 240° Burned zone 3000 RPM. Detail (2).	132
Figure 4.64–Temperature 240° Burned zone 4000 RPM. Detail (2).	132
Figure 4.65–Temperature 240° Burned zone 5000 RPM. Detail (2).	133
Figure 4.66–Pressure 330° 1000 RPM.	134
Figure 4.67–Pressure 330° 3000 RPM.	134
Figure 4.68–Pressure 330° 4000 RPM.	135
Figure 4.69–Pressure 330° 5000 RPM.	135
Figure 4.70–Pressure 370° 1000 RPM.	136
Figure 4.71–Pressure 370° 2000 RPM.	136
Figure 4.72–Pressure 370° 3000 RPM.	137
Figure 4.73–Pressure 370° 4000 RPM.	137
Figure 4.74–Pressure 370° 5000 RPM.	138
Figure 4.75–Temperature 330° 1000 RPM. Detail (2).	139
Figure 4.76–Temperature 330° Burned zone 2000 RPM. Detail (2).	139
Figure 4.77–Temperature 330° water injection Burned Zone 3000 RPM. Detail (2).	140
Figure 4.78–Temperature 330° Burned zone 4000 RPM. Detail (2).	140
Figure 4.79–Temperature 330° Burned zone 5000 RPM. Detail (2).	141
Figure 4.80–Temperature 370° 1000 RPM. Detail (2).	141
Figure 4.81–Temperature 370° Burned zone 2000 RPM. Detail (2).	142
Figure 4.82–Temperature 370° Burned zone 3000 RPM. Detail (2).	142
Figure 4.83–Temperature 370° water injection Burned Zone 4000 RPM. Detail (2).	143
Figure 4.84–Temperature 370° Burned zone 5000 RPM. Detail (2).	143
Figure 4.85–Mass In-Cylinder 330° water injection 3000 RPM.	144
Figure 4.86–Mass In-Cylinder 330° water injection 3000 RPM. Detail (1)	144
Figure 4.87–Mass In-Cylinder 330° water injection 3000 RPM. Detail (2)	145
Figure 4.88–Mass In-Cylinder 370° water injection 4000 RPM.	146
Figure 4.89–Mass In-Cylinder 370° water injection 4000 RPM. Detail (1)	146
Figure 4.90–Mass In-Cylinder 370° water injection 4000 RPM. Detail (2)	147
Figure 4.91–Power 1000 RPM.	147
Figure 4.92–Thermal Efficiency 1000 RPM.	148
Figure 4.93–Specific Consumption 1000 RPM.	148
Figure 4.94–Power 2000 RPM.	149
Figure 4.95–Thermal Efficiency 2000 RPM.	150
Figure 4.96–Specific Consumption 2000 RPM.	150

Figure 4.97–Power 3000 RPM.	151
Figure 4.98–Power 4000 RPM.	151
Figure 4.99–Power 5000 RPM.	152
Figure 4.100–Thermal Efficiency 3000 RPM.	152
Figure 4.101–Thermal Efficiency 4000 RPM.	153
Figure 4.102–Thermal Efficiency 5000 RPM.	153
Figure 4.103–Specific Consumption 3000 RPM.	154
Figure 4.104–Specific Consumption 4000 RPM.	154
Figure 4.105–Specific Consumption 5000 RPM.	155
Figure 4.106–Detonation Index 1000 RPM.	156
Figure 4.107–Temperature 180° 1000RPM Injection Point.	157
Figure 4.108–Mass In-Cylinder 180° 1000 RPM. Detail (1)	157
Figure 4.109–Detonation Index 2000 RPM.	158
Figure 4.110–Detonation Index 3000 RPM.	159
Figure 4.111–Detonation Index 4000 RPM.	159
Figure 4.112–Detonation Index 5000 RPM.	160
Figure 4.113–NOx emissions 1000 RPM.	161
Figure 4.114–NOx emissions 2000 RPM.	161
Figure 4.115–NOx emissions 3000 RPM.	162
Figure A.1 – Pressure 240° 1000 RPM.	172
Figure A.2 – Pressure 330° 1000 RPM.	172
Figure A.3 – Pressure 370° 1000 RPM.	173
Figure A.4 – Temperature 240° 1000 RPM. Detail (1).	173
Figure A.5 – Temperature 240° 1000 RPM. Detail (2).	174
Figure A.6 – Temperature 330° 1000 RPM. Detail (1).	174
Figure A.7 – Temperature 330° 1000 RPM. Detail (2).	175
Figure A.8 – Temperature 370° 1000 RPM. Detail (1).	175
Figure A.9 – Temperature 370° 1000 RPM. Detail (2).	176
Figure A.10– Mass In-Cylinder 240° 1000 RPM.	176
Figure A.11– Mass In-Cylinder 240° 1000 RPM. Detail (1).	177
Figure A.12– Mass In-Cylinder 240° 1000 RPM. Detail (2).	177
Figure A.13– Mass In-Cylinder 330° 1000 RPM.	178
Figure A.14– Mass In-Cylinder 330° 1000 RPM. Detail (1).	178
Figure A.15– Mass In-Cylinder 330° 1000 RPM. Detail (2).	179
Figure A.16– Mass In-Cylinder 370° 1000 RPM.	179
Figure A.17– Mass In-Cylinder 370° 1000 RPM. Detail (1).	180
Figure A.18– Mass In-Cylinder 370° 1000 RPM. Detail (2).	180
Figure A.19– Pressure 180° 2000 RPM.	181
Figure A.20– Pressure 330° 2000 RPM.	181

Figure A.21– Pressure 370° 2000 RPM.	182
Figure A.22– Temperature 180° Unburned zone 2000 RPM. Detail (1).	182
Figure A.23– Temperature 180° Burned zone 2000 RPM. Detail (2).	183
Figure A.24– Temperature 330° Unburned zone 2000 RPM. Detail (1).	183
Figure A.25– Temperature 330° Burned zone 2000 RPM. Detail (2).	184
Figure A.26– Temperature 370° Unburned zone 2000 RPM. Detail (1).	184
Figure A.27– Temperature 370° Burned zone 2000 RPM. Detail (2).	185
Figure A.28– Mass In-Cylinder 180° 2000 RPM.	185
Figure A.29– Mass In-Cylinder 180° 2000 RPM. Detail (1)	186
Figure A.30– Mass In-Cylinder 180° 2000 RPM. Detail (2)	186
Figure A.31– Mass In-Cylinder 330° 2000 RPM.	187
Figure A.32– Mass In-Cylinder 330° 2000 RPM. Detail (1)	187
Figure A.33– Mass In-Cylinder 330° 2000 RPM. Detail (2)	188
Figure A.34– Mass In-Cylinder 370° 2000 RPM.	188
Figure A.35– Mass In-Cylinder 370° 2000 RPM. Detail (1)	189
Figure A.36– Mass In-Cylinder 370° 2000 RPM. Detail (2)	189
Figure A.37– Pressure 180° 3000 RPM.	190
Figure A.38– Pressure 240° 3000 RPM.	190
Figure A.39– Pressure 370° 3000 RPM.	191
Figure A.40– Temperature 180° Unburned zone 3000 RPM. Detail (1).	191
Figure A.41– Temperature 180° Burned zone 3000 RPM. Detail (2).	192
Figure A.42– Temperature 240° Unburned zone 3000 RPM. Detail (1).	192
Figure A.43– Temperature 240° Burned zone 3000 RPM. Detail (2).	193
Figure A.44– Temperature 370° Unburned zone 3000 RPM. Detail (1).	193
Figure A.45– Temperature 370° Burned zone 3000 RPM. Detail (2).	194
Figure A.46– Mass In-Cylinder 180° 3000 RPM.	194
Figure A.47– Mass In-Cylinder 180° 3000 RPM. Detail (1)	195
Figure A.48– Mass In-Cylinder 180° 3000 RPM. Detail (2)	195
Figure A.49– Mass In-Cylinder 240° 3000 RPM.	196
Figure A.50– Mass In-Cylinder 240° 3000 RPM. Detail (1)	196
Figure A.51– Mass In-Cylinder 240° 3000 RPM. Detail (2)	197
Figure A.52– Mass In-Cylinder 370° 3000 RPM.	197
Figure A.53– Mass In-Cylinder 370° 3000 RPM. Detail (1)	198
Figure A.54– Mass In-Cylinder 370° 3000 RPM. Detail (2)	198
Figure A.55– Pressure 180° 4000 RPM.	199
Figure A.56– Pressure 240° 4000 RPM.	199
Figure A.57– Pressure 330° 4000 RPM.	200
Figure A.58– Temperature 180° Unburned zone 4000 RPM. Detail (1).	200
Figure A.59– Temperature 180° Burned zone 4000 RPM. Detail (2).	201

Figure A.60– Temperature 240° Unburned zone 4000 RPM. Detail (1).	201
Figure A.61– Temperature 240° Burned zone 4000 RPM. Detail (2).	202
Figure A.62– Temperature 330° Unburned zone 4000 RPM. Detail (1).	202
Figure A.63– Temperature 330° Burned zone 4000 RPM. Detail (2).	203
Figure A.64– Mass In-Cylinder 180° 4000 RPM.	203
Figure A.65– Mass In-Cylinder 180° 4000 RPM. Detail (1)	204
Figure A.66– Mass In-Cylinder 180° 4000 RPM. Detail (2).	204
Figure A.67– Mass In-Cylinder 240° 4000 RPM.	205
Figure A.68– Mass In-Cylinder 240° 4000 RPM. Detail (1).	205
Figure A.69– Mass In-Cylinder 240° 4000 RPM. Detail (2).	206
Figure A.70– Mass In-Cylinder 330° 4000 RPM.	206
Figure A.71– Mass In-Cylinder 330° 4000 RPM. Detail (1).	207
Figure A.72– Mass In-Cylinder 330° 4000 RPM. Detail (2).	207
Figure A.73– Pressure 180° 5000 RPM	208
Figure A.74– Pressure 240° 5000 RPM.	208
Figure A.75– Pressure 330° 5000 RPM.	209
Figure A.76– Pressure 370° 5000 RPM.	209
Figure A.77– Temperature 180° Unburned zone 5000 RPM. Detail (1).	210
Figure A.78– Temperature 180° Burned zone 5000 RPM. Detail (2).	210
Figure A.79– Temperature 240° Unburned zone 5000 RPM. Detail (1).	211
Figure A.80– Temperature 240° Burned zone 5000 RPM. Detail (2).	211
Figure A.81– Temperature 330° Unburned zone 5000 RPM. Detail (1).	212
Figure A.82– Temperature 330° Burned zone 5000 RPM. Detail (2).	212
Figure A.83– Temperature 370° Unburned zone 5000 RPM. Detail (1).	213
Figure A.84– Temperature 370° Burned zone 5000 RPM. Detail (2).	213
Figure A.85– Mass In-Cylinder 180° 5000 RPM. Detail (1).	214
Figure A.86– Mass In-Cylinder 180° 5000 RPM. Detail (2).	214
Figure A.87– Mass In-Cylinder 240° 5000 RPM. Detail (1).	215
Figure A.88– Mass In-Cylinder 240° 5000 RPM. Detail (2).	215
Figure A.89– Mass In-Cylinder 330° 5000 RPM. Detail (1).	216
Figure A.90– Mass In-Cylinder 330° 5000 RPM. Detail (2).	216
Figure A.91– Mass In-Cylinder 370° 5000 RPM. Detail (1).	217
Figure A.92– Mass In-Cylinder 370° 5000 RPM. Detail (2).	218
Figure A.93– Power 3000 RPM.	218
Figure A.94– Power 4000 RPM.	219
Figure A.95– Power 5000 RPM.	219
Figure A.96– Thermal Efficiency 3000 RPM.	220
Figure A.97– Thermal Efficiency 4000 RPM.	220
Figure A.98– Thermal Efficiency 5000 RPM.	221

Figure A.99– Specific Consumption 3000 RPM.	221
Figure A.100–Specific Consumption 4000 RPM.	222
Figure A.101–Specific Consumption 5000 RPM.	222
Figure A.102–Detonation Index 3000 RPM.	223
Figure A.103–Detonation Index 4000 RPM.	223
Figure A.104–Detonation Index 5000 RPM.	224
Figure A.105–NOx emissions 4000RPM.	224

LIST OF TABLES

Table 2.1 – Configuration data for validation of the program. (CRÓ <i>et al.</i> , 2013)	38
Table 2.2 – Comparison between the different computational models for spark ignition engines, referenced.	40
Table 2.3 – Comparison between the different computational models for spark ignition engines, referenced. (Continued)	41
Table 3.1 – Engine Specifications for simulation (Gasoline) (KIM <i>et al.</i> , 2016)	83
Table 3.2 – Engine Specifications for Simulation (Ethanol).	83
Table 4.1 – Valve timing condition. BTDC (Before Top Dead Center), ATDC (After Top Dead Center), ABDC (After Bottom Dead Center). BBDC (Before Bottom Dead Center)(KIM <i>et al.</i> , 2016)	87
Table 4.2 – Water/Fuel Ratio used to determine the amount of water injected. 2000 RPM. (KIM <i>et al.</i> , 2016)	88
Table 4.3 – Comparison of BSFC. 2000 RPM.	92
Table 4.4 – Comparison of BSFC. 2000 RPM. Full load condition.	96
Table 4.5 – Comparison of NOx Emissions. 1500 RPM, Full load condition.	97
Table 4.6 – Data Simulations for the ethanol engine without water injection. (MAUA).	99
Table 4.7 – 1000 RPM	100
Table 4.8 – 2000 RPM	101
Table 4.9 – 3000 RPM	102
Table 4.10–4000 RPM	103
Table 4.11–5000 RPM	104
Table 4.12–Ratio (Water Injection Time)/(Width of Injection Angle)	107
Table 4.13–Comparison of the maximum pressures reached for water injection at 330° and 370° ATDC Exhaust-Intake.	133
Table 4.14–Comparison between the maximum temperatures reached inside the cylinder, for the burned gas zone (water injection at 330° and 370° ATDC Exhaust-Intake)	138
Table B.1 – Comparison of Performance Variables 1000 RPM (1)	225
Table B.2 – Comparison of Performance Variables 2000 RPM (1)	226
Table B.3 – Comparison of Performance Variables 3000 RPM (1)	226
Table B.4 – Comparison of Performance Variables 4000 RPM (1)	227
Table B.5 – Comparison of Performance Variables 5000 RPM (1)	227
Table B.6 – Comparison of Performance Variables 1000 RPM (2)	228
Table B.7 – Comparison of Performance Variables 2000 RPM (2)	229
Table B.8 – Comparison of Performance Variables 3000 RPM (2)	229
Table B.9 – Comparison of Performance Variables 4000 RPM (2)	230

Table B.10–Comparison of Performance Variables 5000 RPM (2)	230
Table B.11–Maximum pressure and temperature values (burned and unburned gas zones) 1000 RPM.	231
Table B.12–Maximum pressure and temperature values (burned and unburned gas zones) 2000 RPM	232
Table B.13–Maximum pressure and temperature values (burned and unburned gas zones) 3000 RPM	232
Table B.14–Maximum pressure and temperature values (burned and unburned gas zones) 4000 RPM	233
Table B.15–Maximum pressure and temperature values (burned and unburned gas zones) 5000 RPM	233

LIST OF ABBREVIATIONS AND ACRONYMS

C = Carbon.

H = Hydrogen.

O = Oxygen.

N = Nitrogen.

Ar = Argon.

P = Pressure.

V = Volume.

m = Molar mass.

R = Universal constant of ideal gases.

T = Temperature.

U = Internal energy.

Q = Heat.

W = Work.

t = Time.

h = Enthalpy.

c_p = Specific heat at constant pressure.

s = Specific entropy.

K = Equilibrium constant.

W, X, Y and Z = Molar fraction of atmospheric air components.

v = Specific volume.

b = burned.

u = unburned.

IVC = Intake Valve Close.

EVO = Exhaust Valve Open.

l = length of the rod.

A = Area.

Nu = Nusselt number.

Re = Reynolds number.

D_{AB} = Binary diffusivity of the species A in a medium composed by the species B.

Y_A = Mass fraction of the species A (or B).

m_A = Mass flow of the species A (or B).

k = Thermal conductivity.

B_y = Conduction potential.

D = Diameter.

Pr = Prandtl number.

w = Water.

MW = Molar Weight.

L = length of rupture of the Levich jet.

TDC = Top Dead Center.

$BTDC$ = Before Top Dead Center.

$ATDC$ = After Top Dead Center.

$ABDC$ = After Bottom Dead Center.

$BBDC$ = Before Bottom Dead Center.

LIST OF SYMBOLS

θ = Crank angle.

ω = Rate of rotation of the engine.

ξ = Property.

ϕ = Equivalence ratio.

ε = Balance for the stoichiometric condition.

$\alpha, \beta, \gamma, \delta$ = Numbers of the atoms of each element

ΔG° = Ground state of the Gibbs free energy.

ρ = Density.

λ = Wavelength.

CONTENTS

1	Introduction	25
1.1	Motivation and Justification.	28
1.2	Objectives.	28
2	Literature Review	30
2.1	Thermodynamic models of power cycle of a 4-stroke engine.	30
2.2	Computational models of the power cycle of a 4-stroke engine.	33
2.2.1	Spark Ignition Internal Combustion Engine Modeling using MatLab®.	33
2.2.2	Numerical Simulation of a Spark Ignition Engine Operating Cycle.	34
2.2.3	Quasi-dimensional modeling of a fast-burn combustion dual-plug spark-ignition engine with complex combustion chamber geometries.	35
2.2.4	Study of a model of engine combustion and spark ignition for the analysis of cyclical variation and stability of combustion, under lean operation.	35
2.2.5	A User-Friendly, Two-Zone Heat Release Model for Predicting Spark-Ignition Engine Performance and Emissions.	36
2.2.6	Computational Modeling of Internal Combustion Engines	37
2.3	Descriptive mathematical model of two zones of the working cycle of a spark-ignited engine.	42
2.3.1	Mass and Energy balance equations.	42
2.3.2	Air and products of combustion data.	44
2.3.3	Fuel data.	44
2.3.4	Equivalence Ratio.	45
2.3.5	Combustion process and formation of polluting gases.	45
2.3.6	Frozen composition.	46
2.3.7	Thermal properties.	47
2.3.8	Mass caught in volume control.	48
2.3.9	Ratio of burnt mixture model.	49
2.3.10	Heat transfer model.	49
2.3.11	Heat transfer correlations.	50
2.3.12	Energy losses by blowby model.	51
2.3.13	Main government equations of the model.	51
2.4	Water Injection Systems in Internal Combustion Engines and spark Ignition.	53
2.4.1	Evaporation model for one drop.	55
2.4.1.1	Introduction to mass transfer.	55
2.4.1.2	Evaporation of drops.	56

2.4.1.3	<i>Ratio for evaporation.</i>	57
2.4.1.4	<i>Conservation of the mass in the drop.</i>	58
2.4.2	Empirical Correlations:	60
3	Methodology	63
3.1	Model of two-zones for the working cycle of an Internal Combustion and Spark Ignition Engine, with Water Injection.	63
3.1.1	Energy Balance in the Burned Gases region.	65
3.1.2	Energy Balance in the unburned Gas Region.	68
3.1.3	Volume balance for the combustion chamber.	69
3.1.4	Model of the combustion process and formation of polluting gases.	72
3.1.5	Detonation Model.	74
3.1.6	Heat transfer model.	74
3.1.6.1	<i>Newton's Law of Cooling.</i>	75
3.1.6.2	<i>The Hohenberg model.</i>	76
3.2	Evaporation model of drop.	76
3.2.1	Simple model of drop evaporation.	78
3.2.2	Mean diameter model for the calculation of the initial size of the drop.	80
3.2.2.1	Jet breaking model.	81
3.2.2.2	Drop size distribution model.	81
3.3	Geometrical and kinematic characteristics of the device (Engine) used for the implementation of the described model.	82
4	Results and Analysis	84
4.1	Results of the evaporation model of water droplet	85
4.2	Validation of simulation results compared to experimental data.	85
4.2.1	Validation of the simulation program to the operating conditions of the gasoline engine and water injection system.	85
4.2.2	Validation of the simulation program to the operating conditions of the ethanol engine without water injection. (MAUA).	98
4.3	Predictive simulation results for an internal combustion and spark ignition engine that uses ethanol as fuel with direct water injection into the combustion chamber.	107
4.3.1	Analysis of engine performance variables with direct water injection (Simulation).	147
4.3.2	Analysis of the influence of direct water injection on detonation and NOx emissions (Simulation).	155
5	Conclusion	163
5.1	Future work	165
	References	166

A	Appendix	172
B	Appendix	225

1 INTRODUCTION

The concept of water injection has often been associated with the history of the development of energy conversion processes through combustion. It is possible to find initial references on this association, in the patents of the first gas turbines, around 1791, where the injection of water appears as an auxiliary technique to control the temperature of the combustion gases and prevent damage in the later section of the turbines (HOPKINSON, 1913),(RICARDO, 1953). Towards the second half of the 19th century, coal and other solid fuels were progressively replaced by liquids, hence steam was introduced as a way to improve the atomization of these liquid fuels. However, there are few references to the development of double atomizers, for the steam and fuels used. In the first decade of the 20th century, steam was frequently used for atomization processes, due to the problems generated by the mechanical atomization systems used in large oil boilers and natural gas shortage (DRYER, 1977).

As well as boilers and turbines, the addition of water by injection techniques are also associated with the evolution of internal combustion engines (ICE). Bertrand Hopkinson used this concept around 1913 in the development of power plants that used water as a cooling agent (HOPKINSON, 1914). Hopkinson's idea was not new; however, at that time, he was the only one who managed to implement it in a practical, successful way.

Towards the First World War (1914), the use of water and ethanol-methanol-water mixtures played a leading role in increasing the operating efficiency of Otto engines (KOENIG; HEISER, 1943), however; antiknock agents, soluble in fuels, were discovered and developed by 1922. These investigations, together with the high costs and complexity of storage systems for water and water/alcohol mixtures, discouraged the use of these substances in the engines of the automobiles of that time.

A few years before the start of the Second World War and during its development, the research on supercharged engines for airplanes returned the interest in the injection of water and alcohol. (KOENIG; HEISER, 1943). Aircraft engines presented a severe tendency to detonate and overheat, which limited the uses of overfeeding and also the increase in compression ratios used until then for a high load operation. With the aspiration of water/alcohol emulsions, it helped to avoid the formation of ice and allow aircraft to reach the maximum power widely, during takeoffs and combat maneuvers (BELL, 1944). After the end of the war, water injection was implemented in turboprop engines and the first reactors for commercial aircraft. The company Pratt and Whitney offered the injection of water/alcohol as an option within its line of JT9D engines, used in passenger aircraft (DRYER, 1977).

Simultaneously with these developments and, as a consequence of the cost increase of automotive-grade fuel compatible with existing engines; great efforts were made to increase the